



Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Centro de Letras e Artes  
Escola de Belas Artes  
Dep. BAB – Curso de Pintura

Mariana Corrêa

# TEM VOCÊ EM TODA PARTE

Rio de Janeiro  
2013

Mariana Leite Corrêa  
DRE 106064948

## TEM VOCÊ EM TODA PARTE

Monografia apresentada como pré-requisito  
para conclusão do Curso de Pintura  
da Escola de Belas Artes.  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientador: Julio Ferreira Sekiguchi

Rio de Janeiro  
2013

Mariana Corrêa

## TEM VOCÊ EM TODA PARTE

Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Pintura da Escola de Belas Artes - Universidade Federal do Rio de Janeiro, e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Julio Ferreira Sekiguchi – EBA/UFRJ

---

Me. Marcia Yoko Lucena Nishio – EBA/UFRJ

---

Prof. Dr. Frederico Carvalho – EBA/UFRJ

Aos amores mal resolvidos.

Agradeço à minha família por entender e abraçar minhas excentricidades.

Ao Julio, por não desistir de mim neste longo processo de me traduzir em caracteres.

À Yoko e Fred, por além de terem marcado meu trajeto de altos e baixos na graduação, terem aceitado tão prontamente ao convite para fazer parte da sua conclusão.

Ao Bruno, por ser amigo e professor na pintura e na vida.

À Carol, por fazer transbordar meu co(r)po vazio.

À Lívia, por me mostrar que o amor pode ser líquido.

*“O que se lerá a seguir são páginas reunidas do que um dia foi o meu diário, pois, jamais se pode representar de maneira imparcial o seu passado, mas tudo serão as cores frescas, as cores do presente.”*

(Sacher Masoch em “A Vênus das Peles”)

# RESUMO

*“Sou fiel aos acontecimentos biográficos  
Mais do que fiel, oh, tão presa!”  
(Ana Cristina César)*

Resquícios, trapos, rastros.

Com cores introvertidas e românticas, como quem tenta contar um segredo em voz baixa, faço cada parte se relacionar com as outras, como lençóis emaranhados depois de uma noite agitada.

Os corpos estão sempre deslocados de seus lugares e posições de conforto. Porque diante do fim, as lembranças das mais longas discussões e dos mais acalorados carinhos se misturam. Nada mais tem lugar nem razão, qual é a verdade já não importa e o que era real, deixou de ser. Fica tudo guardado no imaginário de quem vê e sente.

Palavras-chave: amor; memória; musa; perda; tecidos;

# SUMÁRIO

Objetivo	17
Introdução	21
Desenvolvimento	
O Amor	25
Corpos deformados de sentir falta	29
Encher de significado coisas pela rua	33
Conclusão	42
Bibliografia	44
Referências da Internet	46
Lista de Imagens	48



## OBJETIVO

Procuo desenvolver, com a herança material e imaterial de uma relação amorosa desfeita, uma série de pinturas onde situações a princípio particulares, se desdobrem e dialoguem com questões universais.

Minha intenção aqui não é declarar meu amor a uma pessoa, mas fazer uma declaração sobre o amor, um relato do seu fim. E deixar de falar sobre alguém, para falar sobre como lido com aquilo que perco, que me frustra e assusta. Pegar tudo aquilo que restou de uma relação morta e levar para um lugar que não é mais meu, não é em mim, não sou mais eu. Dar a um universo pessoal um caráter múltiplo e oferecer ferramentas para que o outro se identifique facilmente.

Uma documentação nada imparcial, onde o espectador passa a ser cúmplice, quase personagem da história contada.



Fig. 01 - Mariana Corrêa "Que Sacro!"



Fig. 02 - Mariana Corrêa "Quando me cortou errado o cabelo e eu chorei"

## INTRODUÇÃO

Tudo começou com o fim. Com a rejeição. Com um "não dá mais". Mas não é sobre ela. Nem sobre mim.

É sobre se sentir abandonado e impotente, se agarrando à nostalgia do passado em busca de afeto, sobre relutar em "deixar pra lá". Um convite à investigação, ao exercício de lembrar para esquecer.

*"Era o devaneio do que não voltaria mais, a lassidão que nos toma depois de cada fato consumado, a dor, enfim, que nos traz a interrupção de todo movimento habitual, a cessação brusca duma vibração prolongada."*

(Flaubert)

Se encontrar no meio de uma relação terminada é sempre um pouco traumático. Ou melhor, é sempre traumático quando essa decisão parte só do outro, vem no susto. Talvez por que a dificuldade não esteja apenas em assumir que acabou, que aquela realidade deixou de existir. A questão é que se relacionar com alguém é como fazer um curso intensivo sobre quem aquela pessoa é, e então, quando aquilo termina, todo esse conhecimento apreendido se torna inútil. É como ser, em 2013, um expert em máquinas de escrever. Sua especialização, ao que tudo indica, não tem mais lugar no mundo.

Certos lugares, dias, o que foi dito... Tem umas coisas pequenas, porém tão importantes e significativas para nós, que é impensável que a pessoa com quem dividimos isso nem ao menos se lembre. Mas muitas vezes não lembram não. Parece que, quem continuou apegado por mais tempo, continuou colecionando essas miniaturas de tempo, continuou dando significado a tudo.



Foi nesse momento de ruptura, cercada de tralhas, frases, gostos, cheiros e manias que começavam a perder o sentido, desligadas da sua “terra natal”, que me veio à cabeça a questão chave desta pesquisa: “Para onde levar tudo que fica guardado, quando o outro se desfaz de você?”.

O período de luto diante de uma relação frustrada existe para qualquer um, é um processo inerente à condição humana. Então, o ponto de partida dos trabalhos aqui apresentados é fazer de experiências particulares um ponto de acesso ao outro. Assim como redesenho minhas lembranças (quase literalmente), o espectador é levado a fazer o mesmo. Remontar, à sua maneira, com sua própria bagagem, o que está sendo contado. O espectador vira cúmplice. E aí, deixa de ser ela, deixa de ser eu, para ser a vida do outro.

Afinal, quem nunca achou, num desses domingos de arrumação, aquela caixa de sapatos no fundo do armário, com os restos do que já foi o amor?



Fig. 03 - Tracey Emin “Love is what you want”



Fig. 04 - Tracey Emin "It's not me that's crying it's my soul"

## DESENVOLVIMENTO

### O Amor

São muitos os caminhos para falar do amor. Tentar explicá-lo enquanto fenômeno, por exemplo, ao invés de se prender a uma suposta pureza do amor enquanto sentimento.

Quando penso na teoria das relações líquidas de Bauman, entendo que é natural perder as esperanças de encontrar o amor eterno. Num cenário onde o amor é tratado "a partir do padrão dos bens de consumo: mantenha-os enquanto eles te trouxerem satisfação e os substitua por outros que prometem ainda mais satisfação" (BAUMAN, 2010), fica até fácil entender como alguém com quem você trocava bilhetinhos patéticos de tão românticos no mês passado, hoje já não lembra direito o seu nome completo.

*"Pode-se perfeitamente amar sem que o outro ame. É uma questão de solidão. É a razão pela qual, em algum sentido, o amor é sempre cheio de solicitações de um para com o outro. É aí que está sua fraqueza, porque pede sempre algo ao outro, enquanto que, no estado de paixão entre duas ou três pessoas, há algo que permite comunicar intensamente."*

(Foucault)

Falar sobre si e sobre o amor, parafraseando Tracey Emin, "é das coisas mais antigas que se pode fazer em arte. Não é nada demais. Edward Munch fez isso, Egon Schiele, Frida Kahlo, Louise Bourgeois". Tracey, que é conhecida pelo tom confessional e exibicionista da sua obra, conclui dizendo que "colocar suas próprias experiências e emoções nos trabalhos é uma tradição muito antiga, não é uma moda". Ainda bem.

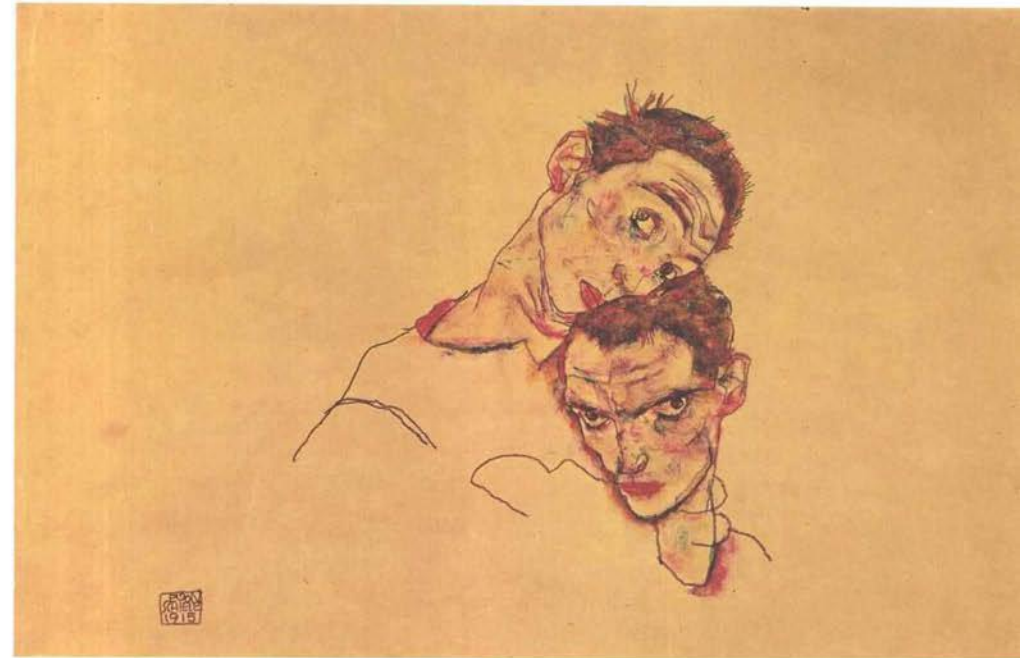


Fig. 05 - Egon Schiele "Auto-Retrato Duplo"





Fig. 06 - Egon Schiele "Par Sentado (Egon e Edith Schiele)"

## Corpos deformados de sentir falta

É ela, sou eu, de quem são os pés ou as mãos que sobram, é a sensação de não pertencimento, da falta de encaixe. Os silêncios da cama vazia e do peito cheio falam alto, enquanto os corpos nus e vulneráveis se embaralham. Mas em algum momento o entorno os veste com as cores doces dos dias de apaixonamento, e confundo um pouco de raiva com o querer bem.

*“O que o apaixonado vê no outro não é exatamente a pessoa amada, sim uma parte de si mesmo que é nele colocada. Aquilo que gostaria de ser. Paixão é projeção, idealização. Distorção de realidade. Transe. Fantasia. Loucura.”*

(Helena Cunha Di Ciero)

Egon Schiele é um desses artistas que me marcaram desde o primeiro contato. Quando penso minhas figuras como imagens, mesmo que eu não o busque de forma consciente, ele está lá.

O despudor meio agressivo com que ele se apresenta e apresenta suas mulheres me coloca num estado de intimidade tamanho, a ponto de me fazer sempre oscilar entre um sentimento de dominação e submissão diante daquilo tudo. Nesse sentido, ele é uma grande referência.

Procuro estabelecer uma dinâmica de presença e ausência, de fragmento que se perde, reafirmando a sensação de inacabado, do modo de espera, que abraça a vida em geral. Então levo dele a crueza do traço sempre presente -muitas vezes com o grafite ainda dominante- e do respiro da lona ainda na sua cor original, além da auto-representação constante, da exploração e interesse pelo próprio corpo.

Passando pela representação da mulher como musa, envolta num erotismo estetizado, glamourizado, Klimt também me coloca numa posição de voyeur. Menos desesperançosos que os de Schiele, seus retratos são um namoro delicado, empenhado, sensível. Exaltam o corpo, mesmo quando estes são invadidos, embrulhados em tecidos decorados, em padrões. É esse poder de ocultar para revelar que me inspira. Isso e as citações que à primeira vista podem escapar à atenção, mas que são tão importantes e definidoras de personalidade quanto os vestidos, adornos e a figura da mulher propriamente dita.

São as confissões angustiadas de um universo inteiramente feminino.

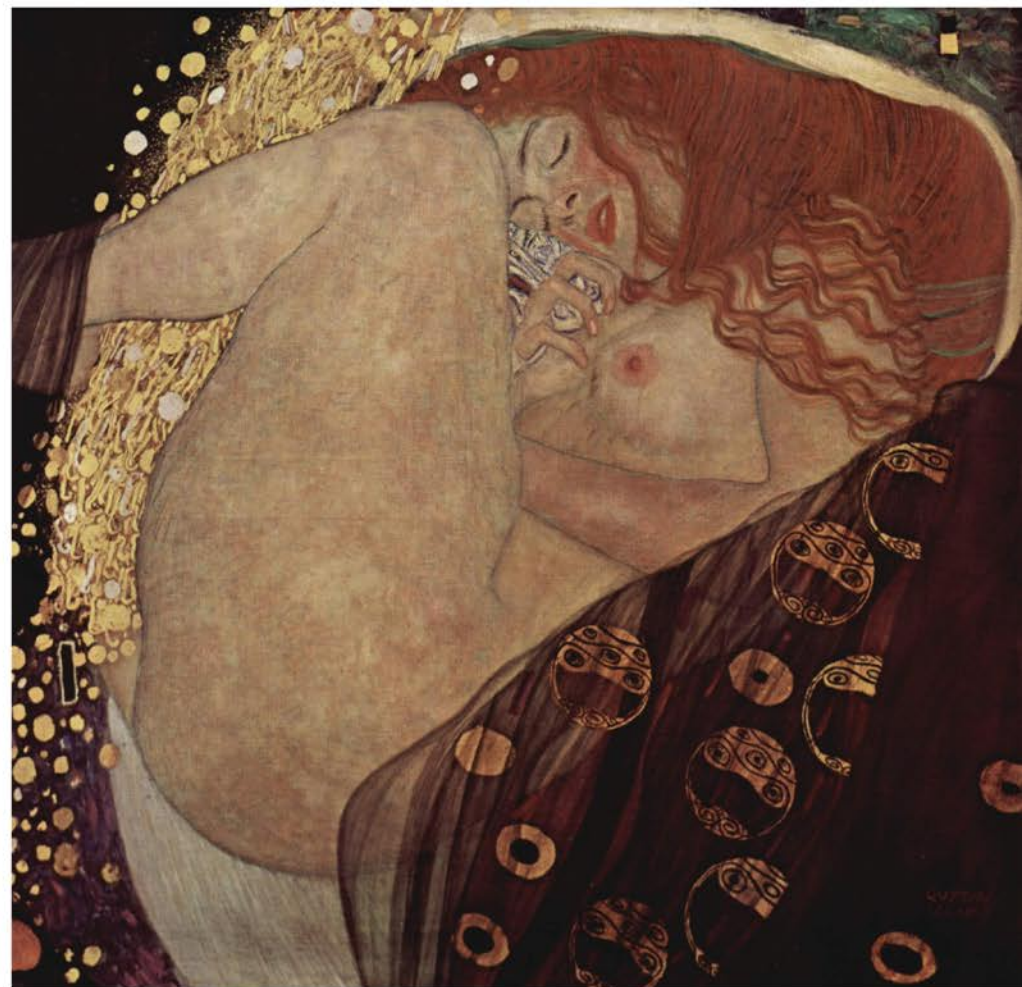


Fig. 07 - Gustav Klimt "Danae"





Fig. 08 - Gustav Klimt "Serpentes de Água II"

## Encher de significados coisas aleatórias pela rua

Deleuze, em Proust e os Signos, diz que apaixonar-se é individualizar alguém pelos signos que esse alguém emite e tornar-se sensível a eles. Que amar é tentar explicar, entender, interpretar, destrinchar esse mundo desconhecido que é o outro. Ou seja, por mais que pareça contraditório, amar é coisa que se faz sozinho, atividade solitária. É colecionar cheiros, sabores, lençóis, cores de esmaltes, pedaços do metrô, frases que o outro nem se lembra mais.

*"De sorte que ele chegou a lamentar cada prazer que gozava com ela, cada carícia inventada e cuja doçura tivera a imprudência de lhe assinalar, cada graça que nela descobria, porque sabia que dali a instantes iriam enriquecer de novos instrumentos o seu suplício."*

(MarcelProust)

Lembro de certa vez ter lido uma entrevista onde a Emin dizia utilizar a memória como um arquivo suspenso, uma biblioteca à qual ela recorre quando quer retirar uma pasta. Que algumas são mais concisas que outras. Outras são grandes borrões.

Parto de um raciocínio parecido. A princípio são lembranças mesmo, arranjos que se congelaram em mim de alguma forma. Mas por vezes podem ser o ideal do acontecido, ou encenações do que poderia ter sido, desacontecimentos. São também retratos de alguém que nunca foi nada daquilo, ou de alguém que ainda não se foi (de mim), de mim mesma. É uma bagunça.

Na tentativa de tornar o fugaz permanente, material, revisito uma série de situações-chave. Determinados dias, falas, roupas, ganham o status de ícones e são citados e combinados de diversas



maneiras. Eles são como evidências de casos “revividos” à exaustão, traduzidos em imagens.

Como se estivessem presas em um conto de fadas melancólico, onde o “felizes para sempre” dá lugar às frustrações e insatisfações de um relacionamento real, mulheres mergulham entre corações, sapatos e eventuais coelhinhos. Num estado meio de sonho, suspensas no limbo, flutuam em lençóis carregados de lembranças, estampas reinventadas e padrões carimbados.

Tudo é tão contaminado ou até mesmo gerado por reminiscências afetivas, que a paleta não poderia fugir à regra. Os pastéis são herança das roupas de cama gastas, das paredes meio sujas, das peles, meio dissolvidas e dessaturadas pelo distanciamento no tempo e no espaço. Em contraponto estão as cores vivas, que sobreviveram agarradas nas roupas guardadas no armário, nos sapatos que deixei de usar, nos presentes que escondi em algum canto, na maquiagem, no meu cabelo.

“Eu sempre tive medo de ser abandonada. A costura é a minha tentativa de manter as coisas juntas e tornar as coisas completas”. Eu tinha essa frase da Louise Bourgeois colada perto de mim, nunca soube bem o motivo. Até que comecei a usar alguns tecidos para pintar. Primeiro reproduzi aquela estampa que marcou nossa melhor fase. Depois usei um pedaço daquele meu lençol que ela manchou. Um pedaço do vestido que era o uniforme que eu usava quando nos conhecemos. E passei a abrir espaço para tecidos que não estiveram fisicamente presentes, mas que lembravam nossas cores, os outros lençóis. E comecei a recriar e reproduzir padrões buscando alguma ordem, para me manter inteira. Um dia olhei para a esquerda, redescobri a frase ali perdida e entendi. Só pintar, com a tinta na tela, começava a parecer pouco diante da possibilidade de me grudar de fato àquilo tudo. Mas eles também não deixam de ser uma referência bem direta ao meu processo de pintura. Escolho, edito, recorto e coló memórias (tecidos), que são partes de mim ou de quem eu costumava ser.

Apresento formatos grandes, de planos gerais, e também



Fig. 10 - Mariana Corrêa “Noites de futuro”



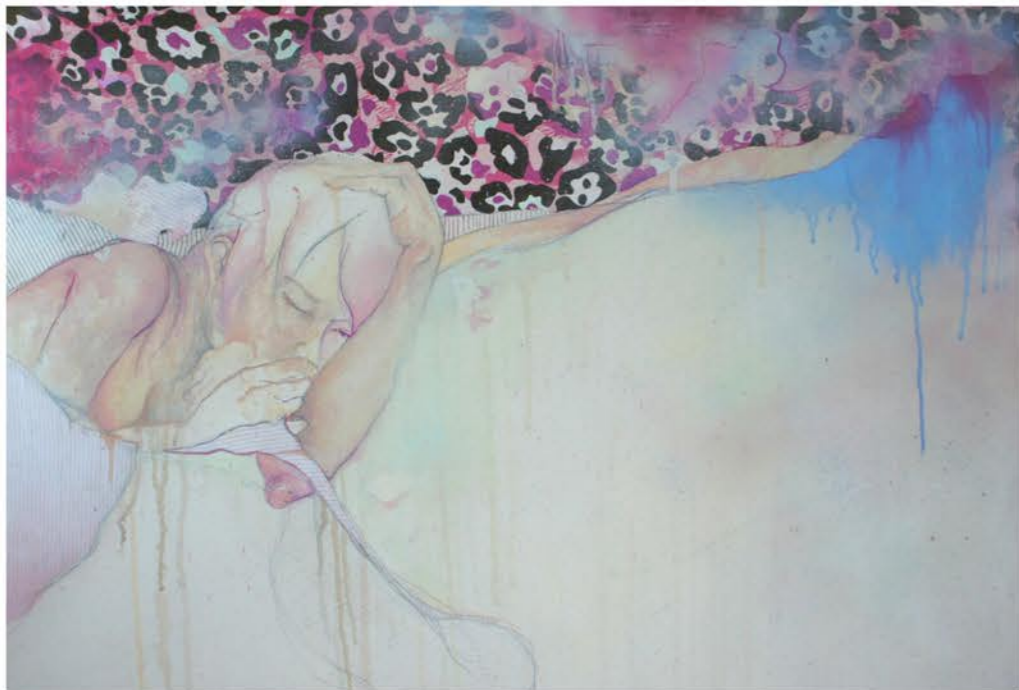


Fig. 09 - Mariana Corrêa "Na noite em que perdi o controle remoto não consegui dormir"



Fig. 11 - Mariana Corrêa "Àquilo tudo que deixei de usar"

aqueles que são só detalhes. Como quando você faz "uma luneta com as mãos" para enxergar tal coisa melhor, sem se tocar que assim o entorno do foco se perde. Como quando todos os seus amigos dizem "mas menina, Fulana não te faz bem!" e você escuta sem ouvir, muito ocupado, lembrando daquelas orelhas engraçadas de Fulana, que sempre te encantaram.

*"Em suma, nada se pode ser por nós compreendido que não evoque uma de nossas recordações. Nada podemos reconhecer sem antes conseguirmos aproximá-lo de um precedente conservado na memória. Os pensadores de todos os tempos repetiram-no incessantemente. "O nosso conhecimento depende de um reminiscência", diz Platão. "A palavra dor só começa a significar algo no momento em que lembra à nossa memória uma sensação que tenhamos "experimentado", afirma Diderot, "Só se vê o que se conhece", declara Goethe. "Não conseguimos admitir a existência de uma coisa a que não consigamos atribuir um significado", diz Cassirer."*

(Luc Benoist)

Pois bem, meu assunto é familiar. Se apaixonar, se sentir inseguro, excitado, solitário, são coisas nada extraordinárias, mas que por vezes nos tiram do chão. E quando tiram, não há gravidade nem razão que nos segure.



Fig. 12 - Mariana Corrêa "A foto que tirei em segredo e que você detesta"





Fig. 13 - Mariana Corrêa "Vinte centímetros submarinos"

## CONCLUSÃO

O Amor é universal. Falar sobre ele também. Aqui falo sobre o meu, um dos meus.

Dizem que nada se perde, tudo se transforma. Dizem também que um grande amor nunca morre. Indo de acordo com tudo isso, esse meu (afinal, temos vários, de formas diversas, tempos diversos) não morreu. E para não se perder, nem me deixar perdida, virou imagem, pintura.

Ver meus trabalhos é como abrir meu diário e fuçar recortes, bilhetes, pedaços de papel de presente, capas de livros, pedaços de parede e fios de cabelo recém-cortados.

Como me ver acordar com a pele amassada pela cama, com marcas da maquiagem de ontem nos braços e um pouquinho de sangue já seco nas unhas.

Como me ver brigando e logo em seguida deixando pra lá.

## BIBLIOGRAFIA

**BAUMAN**, Zygmunt. **Amor Líquido** - Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

**CANTON**, Katia. **Corpo, Identidade e Erotismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção Temas da Arte Contemporânea)

**CANTON**, Katia. **Narrativas Enviesadas**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção Temas da Arte Contemporânea)

**CIERO**, Helena Cunha Di. **Paixão e Transe**. Amarelo. Nº 5. 2011

**DELEUZE**, Gilles. **Proust e os Signos**. Tradução de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

**NÉRET**, Gilles. **Gustav Klimt: 1862-1918**. Tradução de Jorge Valente. Taschen, 2006.

**STEINER**, Reinhard. **Egon Schiele: 1980-1918** - A Alma Nocturna do Artista. Tradução de Paula Reis. Taschen, 2006.

**RIEMSCHNEIDER**, Burkhard; **GROSENICK**, Uta. **Arte de Hoy**. Taschen, 2003.

## REFERÊNCIAS DA INTERNET

**AKBAR**, Arifa. When Tracey Emin met Louise Bourgeois. The Independent, 15 fev. 2011. Disponível em:

<<http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/art/features/when-tracey-emin-met-louise-bourgeois-2214957.html>> Acesso em: 24 abr. 2013.

**BAUMAN**, Zygmunt. “Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar”. ISTOÉ Online. 24, set. 2010. Entrevista concedida a Adriana Prado. Disponível em:

<[http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755\\_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR](http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR)> Acesso em: 26 abr. 2013.

**EMIN**, Tracey. The Story of I. Frieze, No. 34, maio. 1997. Entrevista concedida a Stuart Morgan. Disponível em:

<[http://www.frieze.com/issue/article/the\\_story\\_of\\_i/](http://www.frieze.com/issue/article/the_story_of_i/)> Acesso em: 24 abr. 2013.

**EMIN**, Tracey. Amor e Saudade: a artista inglesa Tracey Emin expõe pela primeira vez no Brasil. Bamboo, 16, dez. 2012. entrevista concedida a Camila Belchior. Disponível em:

<<http://bamboonet.com.br/posts/a-artista-inglesa-tracey-emin-expoe-pela-primeira-vez-no-brasil>> Acesso em: 24 abr. 2013.

**GARGETT**, Adrian. “Going Down” The Art of Tracey Emin. 3 A.M. Magazine, 2001. Disponível em:

<[http://www.3ammagazine.com/litarchives/oct2001/going\\_down.html](http://www.3ammagazine.com/litarchives/oct2001/going_down.html)> Acesso em: 24 abr. 2013.

**MOLINA**, Camila. Tracey Emin exhibe obras pela primeira vez no Brasil. O Estado de S.Paulo, 29, nov. 2012. Disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,tracey-emin-exibe-obras-pela-primeira-vez-no-brasil,967254,0.htm>> Acesso em: 24 abr. 2013.

## LISTA DE IMAGENS

- Fig. 01 - Mariana Corrêa “Que sacro!”, 2012  
Acrílica, grafite, lápis aquarelável, verniz acrílico, colorjet,  
tinta serigráfica, linha de costura e tecidos sobre tela.  
180 x 130 cm
- Fig. 02 - Mariana Corrêa “Quando me cortou errado o cabelo e eu chorei”, 2012  
Acrílica, grafite, colorjet e tecidos sobre tela.  
100 x 80 cm
- Fig. 03 - Tracey Emin “Love is what you want”, 2011  
Neon.
- Fig. 04 - Tracey Emin “It’s not me that’s crying it’s my soul”, 2011  
Neon  
150 x 90 cm
- Fig. 05 - Egon Schiele “Auto-Retrato Duplo”, 1915  
Guache, aquarela e plumbagina  
32,5 x 49,4 cm
- Fig. 06 - Egon Schiele “Par Sentado (Egon e Edith Schiele)”, 1915  
Guache e plumbagina  
52,5 x 41,2 cm
- Fig. 07 - Gustav Klimt “Danae” 1907/1908  
Óleo sobre tela  
77 x 83 cm
- Fig. 08 - Gustav Klimt “Serpentes de Água II”, 1904/1907  
Óleo sobre tela  
80 x 145 cm



- Fig. 09 - Mariana Corrêa “Na noite em que perdi o controle remoto não consegui dormir”, 2013  
Acrílica, grafite, lápis aquarelável, colorjet e tecidos sobre tela.  
70 x 105 cm
- Fig. 10 - Mariana Corrêa “Noites de futuro”, 2012  
Acrílica, grafite, colorjet, linha de costura, verniz acrílico e tecidos sobre tela.  
200 x 80 cm
- Fig. 11 - Mariana Corrêa “Àquilo tudo que deixei de usar”, 2012  
Acrílica, grafite, lápis aquarelável, tinta serigráfica, verniz acrílico, colorjet e tecidos sobre tela.  
72 x 105 cm
- Fig. 12 - Mariana Corrêa “A foto que tirei em segredo e que você detesta”, 2013  
Acrílica, grafite, lápis aquarelável, tinta serigráfica, verniz acrílico, colorjet e tecido sobre tela.  
26 x 39 cm
- Fig. 13 - Mariana Corrêa “Vinte centímetros submarinos”, 2013  
Acrílica, grafite, lápis aquarelável, verniz acrílico, colorjet e tecido sobre tela.  
18 x 23 cm